

## SABINO DE SOUSA



Protestámos no nosso ultimo numero enfileirar o retrato de Sabino de Sousa na galeria, infelizmente bem longa já, dos cidadãos benemeritos e dos caracteres honestos a que o nosso jornal tem prestado a homenagem derradeira.

Cumprimos hoje esse proposito, com um grande sentimento e saudade a pungir-nos n'alma e uma grande veneração pela memoria do illustre morto.

## Por ahí...



O grande acontecimento da semana foi o regresso do sr. D. Luiz.

Em geral, as coisas mais naturaes d'este mundo é que constituem os grandes acontecimentos.

Um sujeito casa: a esposa, ao cabo d'algumas semanas, começa a apresentar os symptomas mais evidentes de que não perdeu o seu tempo logo aos primeiros dias—ou ás primeiras noites—de noivado.

Passados alguns mezes—nove, quando se não trate de segunda edição do principe da Beira—as pessoas das relações dos noivos participam-se mutuamente o nascimento do robusto menino:

—Então já sabe do grande acontecimento?

—O que foi?!

—A mulher do X... teve hontem o seu bom successo!...



E aqui está o *grande acontecimento*: a mulher do X... ter tido uma coisa que todas as mulheres podem ter—ainda que não tenham uma de x e contanto que lhes não falte um X qualquer—e que já andava annunciada com quarenta semanas de antecedencia!

Assim tambem o regresso do sr. D. Luiz.

Estava annunciado ha que tempos; sabia-se perfectamente que havia de regressar morto ou vivo—vivo para retomar o seu logar no paço da Ajuda; morto, para ir para dentro de S. Vicente de Fô.a, como disse Guerra Junqueiro;—sabia-se isso tudo, estava annunciado tudo isso, e entretanto o regresso do monarcha constituiu o grande acontecimento da semana!



A respeito de illuminações é que esteve a coisa muito chôcha.

Com excepção da lamparina official, da stearina de manga d'alpaca, na maior parte das casas foi a lanterna eliminada em vez de illuminada.

Em compensação, porém, da falta de luminarias pelas janellas, sua magestade foi illuminado nas ruas a archotes e fogos de bengala, facto de que o *Diario Popular* se occupa em artigo de fundo e n'estas commovedoras linhas:

«A entrada de sua magestade em Lisboa foi saudada por milhares de pessoas, que com a maior espontaneidade restemunhava a el-rei o seu respeito e a sua sympathia. Da estação do caminho de ferro até à Sé, grande numero de populares, com archotes e fogos de bengala, formavam alas, por entre as quaes el-rei atravessou, mostrando-se muito satisfeito com as mostras de affecto que recebia da população da capital.»

Está-se a ver a *espontaneidade* dos populares formando alas na passagem de sua magestade...

Aquillo sahii-lhes tudo lá de dentro sem elles mesmos darem por isso: a ideia de irem esperar o monarcha, os archotes, os fogos de bengala... tudo, em summa!

E ainda ha sabios que contestam scientificamente a existencia dos animalculos de geração espontanea, quando nós vemos ahí o caso incomparavelmente mais assombroso da geração espontanea manifestada em archotes e fogos de bengala!

E nós a imaginarmos que, no artigo fogos de artificio, a *espontaneidade* era privilegio exclusivo das bombas e dos trics-tracs!...



Ao que dizem as gazetas, sua magestade volta são como um pero.

Tão milagrosa cura pôde reputar-se a victoria da homeopathia, visto como sendo n'uma viagem que el-rei adquiriu a macacão que tanto o amolnou, foi n'outra viagem que encontrou o prompto allivio a todos esses males já quasi reputados incuraveis.

Se o pintor Rezende não tivesse ainda concluido o seu grande quadro intitulado *Apotheose de Hanhemann*, nós aconselhar-lhe-hiamos a que escolhesse para thema d'esse quadro o caso milagroso de sua magestade, podendo até pintar a tela de ambos os lados—antes e depois do chocolate da viajata.

O que ficou averiguado com esta cura milagrosa é que as taes *aguasinhas* da homeopathia, synthetizadas na viagem do monarcha, serão talvez mais agradaveis de tomar, mais saem incalculavelmente mais caras de que a antiga cataplasma a linhaça e quejandos ingredientes da pharmacopêa da velha guarda.

Isto assente, até parece impossivel como o sr. Marianno de Carvalho, a quem, na sua qualidade de ministro da fazenda, cumpre zelar os interesses do thesoiro evitando as despezas excessivas, e a quem, na sua qualidade de antigo pharmacoco, deve cumprir o engrandecimento de todos os pharmacopolas do apostolado da alfavaca de cobra; parece impossivel como o sr. Marianno de Carvalho, n'esta dupla obrigação de ministro das malvas e boticario do thesoiro, se subordinasse humildemente a abdicar de ambas as coisas, consentindo em que se fechassem para o monarcha as portas da pharmacia e permitindo que simultaneamente se lhe abrissem as portas do thesoiro!...



Solemnizando a sua passagem por Madrid, o sr. D. Luiz deixou cincoenta mil pesetas, ou sejam nove contos de réis' para contemplar varios estabelecimentos de beneficencia.

Parece que os professores de instrucção primaria do nosso paiz, profundamente envergonhados por essa insignificancia que o sr. D. Luiz deixou aos pobres de Madrid, vão requerer para que seja incorporado n'aquelle donativo de sua magestade o saldo que sempre lhes fica das suas largas mensalidades—rigorosamente pagas em dia...

E' donativo para subir a muitos milhares de contos de réis.



José Julio Rodrigues, o professor illustre, o notavel chimico, o abalizado conferente, acaba de ser nomeado inspector tecnico das contribuições directas.

Parabens a José Julio; parabens á burocracia, parabens ao sr. ministro da fazenda.

E' sentimentos á sciencia.

—E' uma corôa de loiro a menos!

E' sentimentos ao paiz...

—E' uma manga de alpaca a mais!

Resmungou-se algures que, na nomeação de José Julio Rodrigues, o sr. ministro da fazenda attendera primeiro de que tudo á sua commodidade, transformando o illustre conferente n'um trivial manga de alpaca, para assim quebrar os traços a um inimigo poderoso.

Sendo assim, consideramos que muito deve a humanidade aos processos do modernismo.

Antigamente, quando um ministro se queria ver livre d'um inimigo, mandava dar-lhe uma facada.

Hoje, dá-lhe pessoalmente um emprego.

E' muito mais humano para o inimigo.

O que não impede que a facada fosse muito mais humano para o contribuinte...



De dia para dia está mais intrincada a questão de Larache.

Ao sultão de Marrocos, apesar do turbante, tem suado menos o topete de que ao sr. ministro dos estrangeiros!

No seu empenho de harmonisar as coisas, conseguindo uma reparação aos aggravos que nos foram feitos, sem contudo fazer exigencias demasiadas aos *Laracheiros* que nos foram ao pello, o sr. Barros Gomes exigiu, como satisfação á nossa nacionalidade ultrajada, que os de Larache saudassem a bandeira portugueza com uma salva de vinte e um tiros.

E', como quem diz, uma indemnisação... de polvora secca...

Mas o sr. Barros Gomes, apesar de pianista distinctissimo, provou n'este assumpto que, em questões de harmonia, está muito abaixo d'um pianista de café de lepes! Porque a verdade é que não conseguiu harmonisar coisa nenhuma!

E não harmonisou pela razão muito simples de ir exigir dos marroquinos precisamente a unica coisa que elles lhe não podem dar, ainda que lhes sobre vontade para lhe darem tudo...



Expliquemos.

Prevendo a hypothese d'um desaggravo belico de Portugal contra Marrocos e socegando-nos sobre o resultado d'essa empreza, escreve o *Diario de Moticias*:

«Os portos marroquinos, só possuem um pequeno numero de peças antigas, ainda de escorva, de muito pouco alcance e sem nenhum pessoal adestrado para as servir, nem mesmo para as salvar.»

Ora se os homens nem sequer tem pessoal adestrado para as salvar, como demonio pretende o sr. minis-

tro dos estrangeiros que elles lhe dêem uma salva — e logo de vinte e um tiros?!

Sem peças e sem artilheiros, o unico recurso dos marroquinos será lançar mão d'aquelle sujeito condemnado ha dias no tribunal da Boa Hora, por a policia o haver surprehendido a dar tiros com um novo systema de peças de descarregar pela culatra...

Assim pois, o unico recurso do governo — insistindo na salva dos vinte e um tiros — é mandar previamente de presente aos marroquinos o tal homem, de quem vivimos de fallar — isto na hypothese de se contentar com as referidas peças de descarregar pela culatra...

Exigindo que as salvas sejam dadas com peça do systema inverso, então tem de lhe mandar de presente o sr. Bailio de Malta em carne e osso...



### Salões, palcos e circos



Tem ido abrindo, a pouco e pouco, como as flores na primavera — estas flores do outono, mimosas boninas que só de noite abrem — e que o vulgo boçal usa denominar sob o nome prosaico de casas de espectáculo.

Flores retardatarias temos ahí o theatro de *S. Carlos* e o da *Avenida* além de um outro plantado ha pouco no antigo vaso onde por tantos annos floresceu o theatro da *Rua dos Condes* e o *Chalet* posteriormente (sem trocadilho) mas que ainda se conserva no vaso (o tal plantado de fresco) sem que ainda se saiba ao certo o dia em que virá a botar grelo.



O Coliseu re-exportou já para as terras da sua naturalidade as hespanholas que durante os mezes calmosos fizeram a dilicia dos olhos, dos ouvidos, do olphato, do paladar — e não sabemos até se de mais algum orgão representativo do quinto sentido — dos frequentadores d'aquella casa.

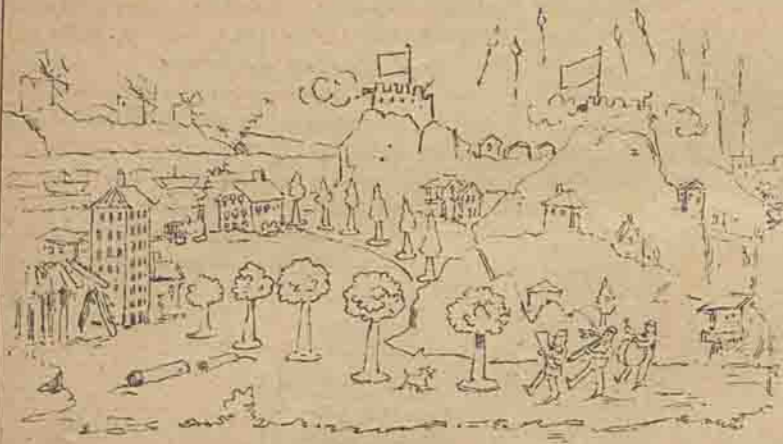
Após os longos mezes do dominio de Castella, raiou enfim a aurora da liberdade — para os dois cavallos mais o elephante que trabalham em liberdade — com grande gaudio das potencia estrangeiras productoras de arlequins e não menor entusiasmo dos socios da *1.º de Dezembro* amigos da sua patria — o que não exclue serem amantes de *ecuyères* e amadores de cavallinhos.



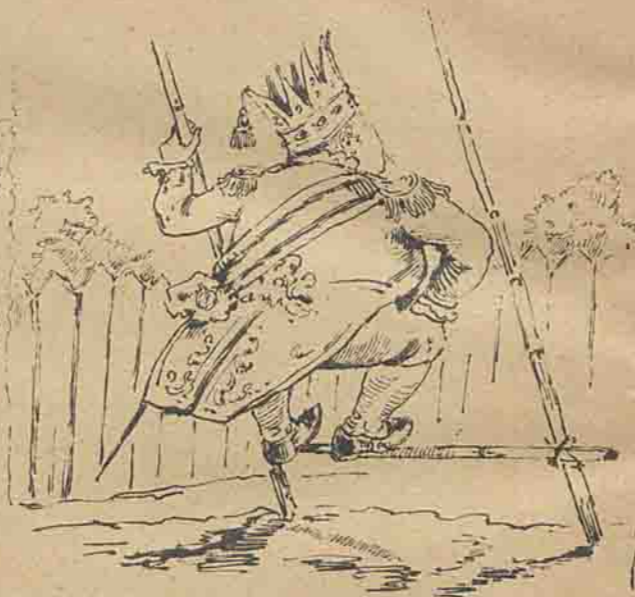
O Gymnasio encetou a nova epocha com uma alluviaõ de peças novas e todas consideradas de primeira ordem — mesmo pelos espectadores do *paraíso*.

Já temos *Meio tostão*, *Os pardaes*, *O dr. Jójó* e não sabemos se mais alguma outra que nos tenha passado pela malha na leitura dos cartazes.

# O reino de cá-cá-rá-cá



Era uma vez um reino de cá-cá-rá-cá,



que tinha um rei de ki-ki-ri ki,



uns minitros de có-có-ró-có

e um povo de cu-cu-ru-cu.



Vae o rei de ki-ki-ri-ki, quiz provar lá fora que o reino de cá-cá-rá-cá não era um paiz de cá-cá-rá-cá. E, consultado o governo de có-có-ró-có, partiu o rei de ki-ki-ri-ki, gastando á larga pennas de cu-cu-ru-cu.



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Na volta do rei de ki-ki-ri-ki ao reino do cá-cá-rá-cá, estavam os ministros de có-có-ró-có depennando o povo de cu-cu-ru-cu.

—Pois ainda o povo de cu-cu-ru-cu (disse o rei de ki-ki-ri-ki) tem pennas para os minitros de có-có-ró-có lhe tirem no reino de cá-cá-rá-cá, quando o rei de ki-ki-ri-ki gastou lá por fóra tanta penna de cu-cu-ru-cu???

.....  
Mas se o depennado cu-cu-ru-cu, chegu a dizer «*qué-ré-qué*» que será das ministros de có-có-ró-có mais do rei de ki-ki-ri-ki do reino de cá-cá-rá-cá?!

Para acompanhar esse enorme movimento de peças theatraes torna-se necessario ter mais follego de que para acompanhar o movimento das peças de campanha em qualquer ataque da poeira.

Como não dispomos das andas em que anda o Kremo do Coliseu, vamos pedir emprestadas as pernas do Augusto Ribeiro, nosso amigo e duas vezes collega — nas letras e na craveira — e para a semana cá nos teem a prestar contas do movimento do Gymnasio.

×

A Trindade já nos deu uma peça nova *Os Cavalleiros Andantes* muito engraçada e muito bem posta em scena, o que não obsteu a que o publico da primeira noite, depois de rir durante cinco actos com a sinceridade de quem se consola, com sola festejasse a peça ao terminar do ultimo acto!

Estamos a ver que o publico, em vez de tomar a peça como uma *charge*, tomou tudo aquillo a serio; e, como tal, o que pretendia era estar serio — e talvez mesmo chorar o seu bocadinho — desesperando-se portante ao reparar que tinha passado toda a noite a rir.

E assim se explica a pateada da primeira noite.

Quando n'essa noite, alguns espectadores se conservavam de pé pateando *Os Cavalleiros Andantes*, dizia um sujeito á porta, fallando para um grupo:

—Então cahiram os *Cavalleiros*?...

Ao que o outro respondia apontando para os pateantes:

—E' verdade, cahiram os cavalleiros: — mas os cavallos ficaram de pé...

×

O theatro de *D. Maria* abriu com peças velhas e não presumimos sequer como consiga apresentar novas e sustentar mesmo algumas velhas, com o dizimo de artistas que vac na companhia. Silva Pereira e Joaquim Costa, dois artistas de muito merecimento, não ficaram lá esta epoca.

Virginia, um talento insubstituível, está por ora impedida pela doença de occupar o logar em que não póde ter competidora.

E vem aqui a pello penitenciar-mo-nos de uma das nossas ultimas chronicas, em que, fazendo-nos echo d'uns boatos de bastidores, nos referimos á doença d'aquella sympathica artista, tratando o assumpto com um homerismo tão mal cabido quanto melindrosa é na verdade essa doença, cuja gravidade ignoravamos.

Virginia, por quem temos uma grande sympathia e uma grande admiração, já nos perdoou decerto a má impressão que porventura lhe causamos, mas nós é que não nos perdoariamos se voluntariamente não viessemos dizer *mea culpa* n'este grande confessorio da imprensa, como lhe chamaria o sr. Prud'homme.

Amelia da Silveira, outra artista de grande merecimento, está ainda, ao que nos dizem, mal convalescente da grande doença que embirrou em passar toda a estação calmosa no corpo da gentil actriz; e, como artistas dos recursos de Amelia da Silveira se não encontram ahí a cada canto, mal vac para a companhia do theatro de *D. Maria* o começo do seu ultimo anno de gerencia — que é como quem diz mal vac o principio do fim.



*J. P. T. Silva*

## O GARGAREJO



Elle, muito desanimado. — Então hoje... nem uma colherinha de prata...

## GENTE FINA



Lopes Trovão acaba de atravessar Lisboa como um relampago e de partir para o Brazil como um raio.

Saudamos a passagem do vehemente republicano brasileiro, a quem apenas encontramos de fugida pelo braço de Bettencourt Rodrigues, um dos discipulos dilectos de Chareco.

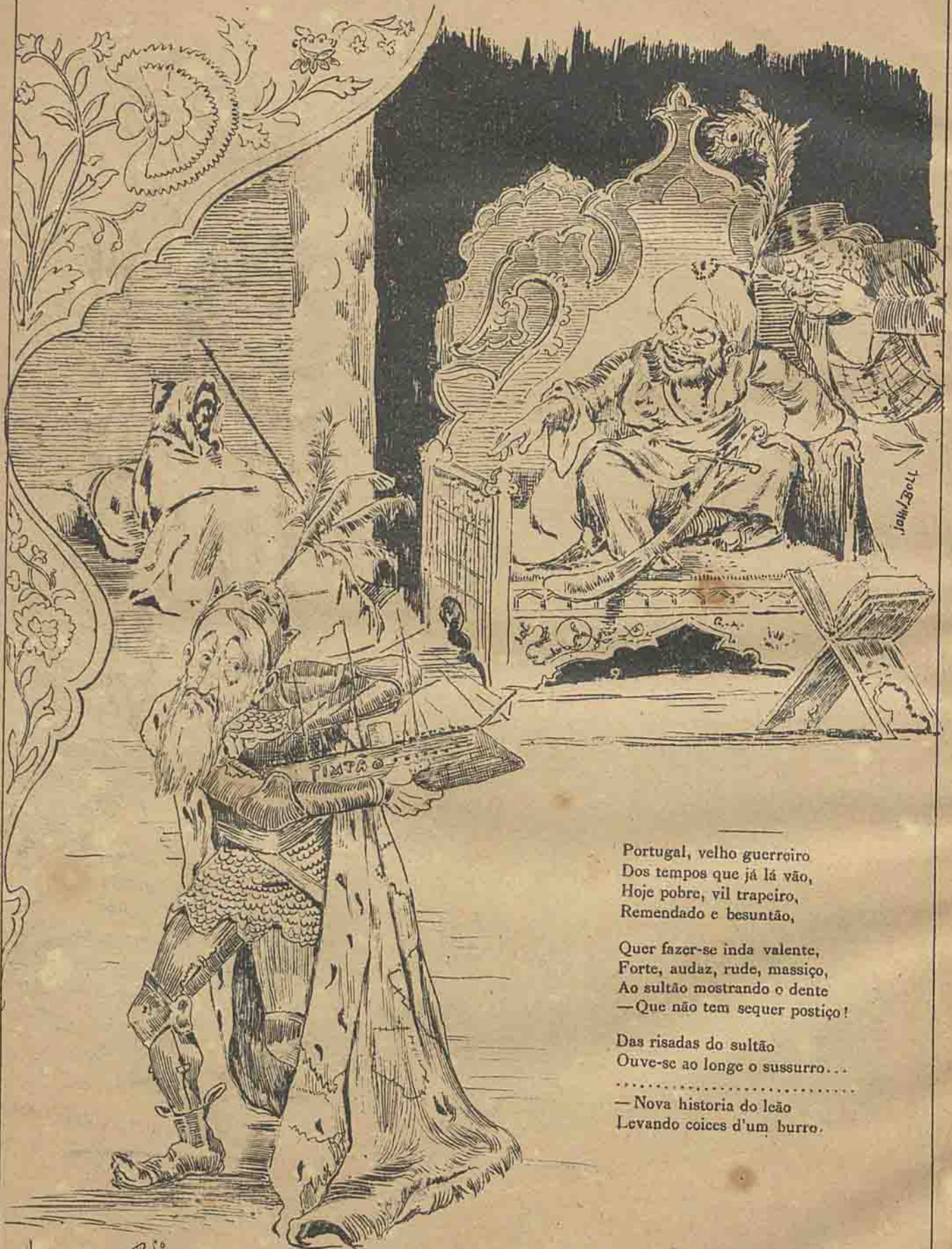
Boa viagem ao Trovão!

# NO REGRESSO



—E então que tal, senhor meu amo?  
—Perfeitamente! Estou são como um pero!  
—E eu então... como duas peras...

## A QUESTÃO DE LARACHE



Portugal, velho guerreiro  
 Dos tempos que já lá vão,  
 Hoje pobre, vil trapeiro,  
 Remendado e besuntão,

Quer fazer-se inda valente,  
 Forte, audaz, rude, massiço,  
 Ao sultão mostrando o dente  
 — Que não tem sequer postigo!

Das risadas do sultão  
 Ouve-se ao longe o sussurro...

.....  
 — Nova historia do leão  
 Levando coices d'um burro.

Augusto Bordallo Pinheiro